



## PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

### MÍDIAS, MEMÓRIA, SENTIDO

Giovanna Benedetto FLORES<sup>1</sup>  
Alexandre S. Ferrari SOARES<sup>2</sup>

**RESUMO:** A Análise do Discurso e a Argumentação são campos de pesquisa produtivos para compreender a produção social dos sentidos, realizada por sujeitos históricos e por meio de materialidades diversas. O texto, o som e a imagem postos em circulação nos meios de comunicação são objetos privilegiados nas investigações de analistas do discurso e semanticistas de todas as vertentes, uma vez que é possível compreender os movimentos discursivos de produção de sentidos em torno deles: o que desloca e o que reforça sentidos atualizando, reterritorializando e naturalizando memórias. Assim, a repetição pode resultar na institucionalização, no arquivo estabilizado, gerenciado pelas instituições e ou para o seu rompimento, dando lugar para o novo, para sentidos outros, apesar da ilusão do sujeito de ser origem do dizer. Diante de tais objetos (o texto, o som e a imagem), entendemos a ideologia e a memória como dispositivos teóricos, tendo em vista que se constituem como os fios das redes de sentidos, atravessam e significam os sentidos e os sujeitos (PÊCHEUX, 1995). Propomos acolher neste simpósio trabalhos que pensem o funcionamento do discurso jornalístico e das mídias em geral, a fim de compreender os sentidos produzidos sobre e pelos sujeitos e os seus lugares sociais no Brasil e no mundo contemporâneos. Três perguntas nos guiam durante o percurso de realização dessa proposta: a) Qual é o lugar, diante da proliferação cotidiana de linguagens na mídia, da memória pessoal, cultural e social dos sujeitos?; b) Quais deslocamentos são materializados na língua que nos permitem observar as novas formas de significação desses sujeitos nos discursos jornalísticos?; c) Quais sentidos postos em circulação retomam memórias ou produzem deslocamentos sobre os sujeitos e os sentidos? Desta forma, serão bem-vindas propostas que tenham em seu escopo tais funcionamentos discursivos e/ou argumentativos que permitam compreender o atual momento político brasileiro e mundial; propostas que investiguem os mecanismos e propriedades da linguagem no funcionamento da argumentação e do discurso por meio dos objetos, elencados acima, que reflitam sobre a temporalidade do no processo discursivo e argumentativo e sobre a constituição de subjetividades e laços sociais nas e pelas redes sociais, entre outros temas pertinentes.

---

1 Universidade do Sul de Santa Catarina, Unisul.

2 Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Mídias. Memória. Efeito de sentido. Sujeito.



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



## RESUMOS APROVADOS:

### DO CORPO SAUDÁVEL AO CORPO GLORIOSO: A MEMÓRIA RELIGIOSA E OS DISCURSOS SOBRE O IDEAL DE MAGREZA PARA O CORPO FEMININO

Carolina RODRÍGUEZ  
carolina@unicamp.br.

Raíja CAMARGO  
raija.cs@gmail.com.

**RESUMO:** O objeto deste trabalho é o discurso sobre o corpo feminino em circulação na mídia, em particular, enunciados que ratificam o ideal estético de magreza e as práticas de ascese legitimadas pelo saber médico-científico competente. Alicerçadas no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso, a pesquisa procura compreender o funcionamento discursivo supracitado a partir de um *corpus* constituído pelo a) blog liderado pela cristã Ana Paula Barros e dirigido a mulheres jovens – a página divulga ensinamentos sobre a teologia judaico-cristã, em especial sobre a prática do jejum em interlocução com o saber produzido pelos Padres da Igreja que estabeleceram a doutrina até os dias de hoje; e, por b) enunciados em circulação na mídia que, endossados pelos saberes das ciências médicas, ratificam e legitimam o ideal de práticas ascéticas cujo discurso evoca uma memória judaico-cristã de ideal para o corpo feminino. A análise proposta visa mostrar que o discurso sobre o ideal estético vigente de magreza para o corpo feminino em circulação na mídia e legitimado pelo discurso médico apresenta regularidades que evidenciam a inscrição desse discurso a uma memória religiosa ocidental do corpo significado nessa tradição ascética, - cujo conceito de ‘corpo glorioso’ funciona como articulador de memória que sustenta o dizível para o sujeito, i.e o modo de existência histórico de um enunciado. A questão que conduzirá esta reflexão é, portanto: que elementos do campo constituído pela interseção entre os enunciados do corpus – discursos sobre o corpo da mulher em circulação na mídia – permite antever um Outro ávido de “jejuns”, “extenuação física”, “sacrifícios”, dentre outras práticas que envolvem o corpo como elemento de contenção ideológica? Para a (AD) materialista à qual nos filiamos (PÉCHEUX; FUCHS; 1993), o discurso é um dos aspectos materiais da ideologia. Abordamos, portanto, o discurso como o aspecto material da ideologia e o corpo como materialidade de significação dos sintomas culturais e dos equívocos da língua e da história. A mídia, portanto, exerce grande influência sobre os processos discursivos que, constituem, (re)formulam e, fazem circular os ideais da ideologia dominante, dos discursos Outros que desnaturalizam o corpo biológico (cujas marcas discursivas aparecem sempre sob o efeito de esquecimento, apagamento - , marcas que queremos evidenciar).

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Mídia. Linguagem. Memória.

## DO JORNALÍSTICO AO DIGITAL: DIZENDO (D)O FEMININO NA MÍDIA

Ceres Ferreira CARNEIRO (UFF)  
[cerescarneiro@gmail.com](mailto:cerescarneiro@gmail.com)

Silmara DELA SILVA (UFF/FAPERJ)  
[silmaradela@gmail.com](mailto:silmaradela@gmail.com)

**RESUMO:** Em consonância à proposta deste Simpósio, que se volta ao funcionamento do discurso jornalístico e das mídias em geral, a fim de compreender os sentidos produzidos sobre e pelos sujeitos e os seus lugares sociais no Brasil, tomamos como objeto de análise discursos da/na mídia que se ocupam de dizer do e sobre o feminino, em nossa conjuntura sócio-histórica. De modo mais específico, direcionamos nosso gesto de análise a materialidades em dispersão que, em diferentes condições de circulação, dizem da mulher e(m) sua relação com o casamento. Da perspectiva teórico-metodológica da análise de discurso, tal como proposta por Michel Pêcheux, na França, e reterritorializada no Brasil a partir dos trabalhos de Eni Orlandi, entendemos que os discursos – efeitos de sentidos para e por sujeitos – decorrem de condições específicas de constituição e formulação, mas também de circulação. Assim, buscamos compreender o modo como discursividades sobre a mulher e o casamento ganham lugar, produzindo efeitos sobre os sujeitos e o social, em duas distintas condições de circulação: o consultório sentimental da revista feminina *Claudia* e o *blog Viviane Freitas*, que se atribui a função de falar a mulheres evangélicas, na rede eletrônica. Nosso foco é a discursivização sobre a mulher e o casamento, que se marca nos dizeres em curso nas respostas dadas a cartas publicadas no consultório sentimental da revista, e que retornam, sob sustentação de um discurso religioso, no *blog*. O discurso religioso, ao fazer funcionar o onipotente silêncio do divino e, com isso, impor uma não-reversibilidade entre falante/ouvinte ou escritor/leitor, caracteriza-se como um discurso autoritário. Assim, o *blog Viviane Freitas* assume um funcionamento, outrora atribuído às revistas femininas, de uma espécie de cartilha de bom comportamento a ser seguida incondicionalmente pelas mulheres (no caso, as evangélicas casadas); mas se mostra ainda mais contundente, uma vez que a pastora dá voz ao onipotente silêncio divino, tornando seus autoritários conselhos sobre casamento uma representação da vontade de Deus. Entretanto, conforme nos adverte Pêcheux, as condições de reprodução também são as de transformação: esses dizeres comportam “furos”, sentidos (in)esperados sobre o casamento, contraidentificações com saberes em circulação, fazendo emergir focos de resistência à dominação masculina e/ou à hierarquia entre homens e mulheres, e lançando o corpo feminino para um lugar outro que não o da passividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de discurso. Mídia. Mulher. Casamento.

# AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO DO JORNALISMO ALTERNATIVO DIGITAL

Cristiane Maria RIFFEL (Unisul)  
cristianeriffel@gmail.com

Giovanna G. Benedetto FLORES (Unisul)  
gbflores@gmail.com

**RESUMO:** A pesquisa propõe uma reflexão sobre o jornalismo alternativo digital na perspectiva da análise do discurso franco-brasileira. Interessa-nos neste trabalho pensar sobre as condições de produção deste discurso - do jornalismo alternativo que se “recria” e “se revigora de modo extraordinário” (Peruzzo, 2009) no cenário contemporâneo e que apresenta configurações outras na maneira de produzir e distribuir notícias. No Brasil o jornalismo alternativo pode ser pensado em dois momentos - antes e depois da internet. O que nos interessa neste estudo são as iniciativas que nascem no ambiente virtual, motivadas pela necessidade de democratizar a comunicação e dar visibilidade a temáticas que não são abordadas na mídia de referência. É o que aconteceu nas manifestações de 2013 contra o governo Dilma quando a crise política impulsionou a criação de coletivos de jornalistas. Estes passaram a realizar coberturas diferenciadas dos protestos, pondo em circulação outros sentidos que não apenas os dos grupos favoráveis ao *impeachment/golpe* da presidenta. Segundo Colodeti (2016) entre as características dos veículos alternativos digitais estão uma insatisfação com a cobertura jornalística da imprensa de referência, a independência econômica e política, e a luta pelo direito à informação. Atuam na representação de interesses e visões de grupos pouco representados socialmente; buscam novas formas de institucionalização e buscam apresentar novas possibilidades de narrativas. Com base no entendimento de que os discursos são produzidos a partir de condições de produção específicas e, assim, produzem sentidos (Dela Silva, 2008) objetiva-se analisar as condições de produção do discurso do jornalismo alternativo digital. Mariani (1998, p.60) entende que na análise da prática discursiva do jornalismo é preciso considerar seu caráter institucional, pois “a produção de sentidos na notícia dos fatos se realiza a partir de um jogo de influências em que atuam impressões dos jornalistas (eles também sujeitos históricos) dos leitores e da linha política dominante no jornal.” O corpus da pesquisa será composto por reportagens produzidas pela Agência Amazônia Real e veiculadas em seu Portal em 2019. A Amazônia Real caracteriza-se como uma agência de jornalismo independente e investigativo com foco nas questões da Amazônia e no direito das minorias. Os conteúdos publicados pelo Portal podem ser republicados por outros veículos de imprensa nacionais e internacionais de forma gratuita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Jornalismo alternativo. Discurso jornalístico. Condições de produção.

## POR QUE SE FALA EM POLARIZAÇÃO

### NO PAÍS DO #SOMOSTODOS?

Deborah Danny da Silva PEREIRA (Universidade Federal Fluminense)  
deborah.p16@gmail.com

Fernando Ferreira da Silva ANANIAS (Universidade Federal do Mato Grosso)  
fernandoanancias32@gmail.com

**RESUMO:** No período vigente, principalmente após as últimas eleições, circulam - tanto nas mídias hegemônicas quanto nas redes sociais - dizeres que posicionam a “radicalização” e a “polarização” como o aspecto mais grave do cenário político. Tais dizeres buscam descrever o Brasil como um país que se dividiria em dois polos (extrema-direita e extrema-esquerda) cada vez mais apartados e violentos. Nossas reflexões, ainda preliminares, nos levam a entender que, a fim de propor uma alternativa à polarização, estes dizeres se filiam à memória de um povo brasileiro apaziguador, harmônico, retomando o imaginário de que somos todos iguais e a união é o ingrediente fundamental para o progresso de uma nação. Como, então, falar em polarização se gostamos tanto de apagar conflitos, se utilizamos #SomosTodos em momentos de indignação e comoção social? A polarização seria objeto de repúdio porque ela nos remete a um Brasil sócio-historicamente segregado? Este trabalho nasce destas inquietações. Sendo assim, temos como *corpus* posts das redes sociais que trazem em sua formulação a palavra “polarização” e a hashtag #minhacoréobrasil, pensando, através dele, como a possível existência de uma polarização ameaça os pressupostos de unidade que constituem o imaginário do povo brasileiro e o mito da democracia racial. Para embasar nossa discussão, nos filiamos à noção de silêncio (ORLANDI, 2007) e língua de vento (DEBRAY, 1978). Orlandi (2007) nos ensina que, pela política do silêncio, “ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis” e que “se diz “x” para não (deixar) dizer “y”” apagando, assim, “sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma outra formação discursiva, uma outra região de sentidos” (p. 74). Com isso, perguntamos: o que se evita dizer quando se afirma que o país está polarizado? Em nossa leitura, evita-se olhar para a desigualdade e para as disputas (sociais, raciais, de gênero, etc.) estruturais de nossa formação social. Já a noção de língua de vento será articulada neste trabalho para pensarmos os efeitos da circulação, uma vez que os dizeres acerca da polarização circulam em massa. Nesse sentido, Pêcheux (1981) afirma que é preciso atentar-se à “falsa moeda das línguas de vento” que, como um turbilhão esfumaçado, são destinadas a “desviar a atenção dos problemas reais” (p. 16). De quais problemas, então, os dizeres de depreciação de uma suposta polarização e radicalização tentam nos desviar? É com estes incômodos e a partir desta materialidade que nosso trabalho enseja ler o panorama político brasileiro atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Polarização. Cenário Político. Silêncio. Língua de Vento.

## CRACOLÂNDIA: MEMÓRIA, IMAGINÁRIO SOCIAL E CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E DOS SENTIDOS NA/PELA MÍDIA BRASILEIRA.

Erisvania Gomes da Silva/UNEMAT  
([erisvaniagomes\\_4m@hotmail.com](mailto:erisvaniagomes_4m@hotmail.com))

Olimpia Maluf-Souza/UNEMAT  
([olimpiamaluf@gmail.com](mailto:olimpiamaluf@gmail.com))

**RESUMO:** Em busca de compreensão sobre o funcionamento discursivo que organiza a formulação do consenso nas políticas públicas sobre drogas, inscritas como lícitas e ilícitas, nos propusemos a analisar, no nosso processo de doutoramento, como ocorrem as relações de força e como são significados o social, o Estado e os sujeitos usuários de drogas, no modelo capitalista vigente. As políticas públicas sobre drogas surgiram com o objetivo de inscrever o país, juntamente com diversos outros países considerados de primeiro mundo, no combate ao tráfico internacional de drogas. Desse modo, para este estudo, pretendemos analisar a relação constitutiva do/no sujeito usuário com a cidade e o urbano, enquanto prática decorrente de uma política social pública antidrogas, estabelecida por Leis que constituem o Estado e que permeiam os noticiários que circulam nas mídias impressa e digital. A Lei 11.343, de 23 de agosto de 2006, bem como os discursos e as ações de políticas públicas do Estado dela decorrentes, nos faz tomar como corpus de análise a *Cracolândia*, enquanto texto e imagem, posta em circulação pelos meios de comunicação, mais especificamente, as notícias que circularam/circulam sobre esse espaço nos jornais digitais. Vale ressaltar que, pensar a Cracolândia como texto e imagem é compreender que há, em torno desse espaço, movimentos discursivos de produção de sentidos, de maneira a reforçar e (re)atualizar sentidos, naturalizando memórias. Assim, propomo-nos a pensar o funcionamento do discurso jornalístico e das mídias em geral, a fim de compreender os sentidos produzidos sobre/por sujeitos, que conformam, a partir dos seus lugares sociais, posições sobre a Cracolândia e os sujeitos que a conformam. Para essa proposta, filiamo-nos à Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux e ampliada, no Brasil, por Eni Orlandi. Por meio dessa teoria, torna-se possível analisar as diferenças constitutivas que marcam as relações sociais em suas instâncias de tensão e de conflitos, que a ordem urbana e social continuamente tenta administrar, visto que há efeitos de sentido produzidos por essa tentativa de estancar litígios que atravessam o espaço social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cracolândia. Mídia Digital. Sujeitos. Imaginário Social.

# TRANSTORNOS MENTAIS NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Fernanda Luzia LUNKES (Universidade Federal do Sul da Bahia)  
flunkes@gmail.com

**RESUMO:** Os alarmantes dados estatísticos referentes aos transtornos mentais no Brasil demandam um amplo debate a partir de diferentes perspectivas. Retomando alguns desses dados no que se refere a quadros clínicos como ansiedade e depressão, pode-se afirmar que o Brasil é considerado o país com maior taxa de ansiosos e com mais de 15% de deprimidos. Inscritos em um imaginário de racionalidade e neutralidade, os números produzem diferentes efeitos de sentidos em seu funcionamento quantitativo; nesse caso, para uma produção de evidências e de legitimação acerca de um espaço e dos sujeitos que formam seu tecido social. A perspectiva discursiva permite que sejam colocados em questão também os processos de produção de sentidos em jogo de/sobre tais transtornos e dos sujeitos que se filiam a tais sentidos e/ou são diagnosticados como ansiosos e/ou deprimidos. Diante do transtorno mental que o (i)mobiliza, o sujeito faz comparecer em seu discurso o que parece ser da ordem de uma dor singular; Le Breton (2013), entretanto, na obra *Antropologia da Dor*, amplia tal dimensão, afirmando que é, também, da ordem do social, do relacional. Essa tomada de posição permite apontar, em grande medida, para uma das razões pelas quais o *discurso sobre* (MARIANI, 1998) transtornos mentais tem comparecido fortemente nas mídias sociais, já que, ainda de acordo com o autor, a dor (aqui considerada em uma dimensão psíquico-afetiva) não está limitada à fisiologia, mas à ordem do simbólico – que, da perspectiva discursiva, se alia à ordem do imaginário. Diante dessas considerações, o presente trabalho, em fase preliminar, filiado às bases teórico-metodológicas da Análise de Discurso formuladas por Michel Pêcheux, visa analisar alguns processos de produção de sentidos no discurso do/sobre o sujeito com transtornos mentais na mídia. Como ponto de partida, trataremos como objeto de análise um vídeo no qual o *youtuber* PC Siqueira aborda uma das crises de ansiedade e de pânico e(m) seus efeitos. Algumas questões que norteiam nosso empreendimento analítico: como o sujeito ansioso/deprimido diz de seu transtorno mental/sofrimento e como é dito nas redes? Que rede(s) de memória é/são mobilizadas em tais dizeres? Com esse trabalho, esperamos dar continuidade a pesquisas realizadas anteriormente e contribuir, da perspectiva discursiva, para a apreensão dos sentidos produzidos sobre sujeitos e transtornos mentais, que compõem amplamente o que concebemos como formas de sofrimento da/na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Discurso midiático. Sujeito. Transtornos mentais.



**A MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO EM QUADRINHOS:  
O DISCURSO DE MAUS, A HISTÓRIA DE UM SOBREVIVENTE**

Guilherme Henrique VICENTE (UNICAMP)  
henriqueguilherme4@gmail.com

**RESUMO:** Muitas obras artísticas e relatos de testemunhas ajudaram no processo que fez com que o Holocausto passasse a ser parte do imaginário coletivo em boa parte do mundo, indo desde documentários, filmes de grandes estúdios até livros com testemunhos ficcionalizados. No entanto, entre essa grande produção, um dos produtos culturais que mais chamam a atenção é a história em quadrinhos (ou *graphic novel*) “Maus, a história de um sobrevivente”, publicada pelo artista sueco/norte-americano Art Spiegelmann, que se utiliza dessa “arte popular por excelência” (ROBIN, 2016, p.318), para contar aos leitores a história do seu pai durante o período que antecedeu à Segunda Guerra Mundial e nos anos de campos de concentração. Em um primeiro momento, o que se destaca na obra é a maneira como cada etnia é formulada nas páginas do livro: os judeus são ratos, os alemães gatos e os norte-americanos são cachorros, por exemplo, sempre com a manutenção de um traço que oscila entre o infantil e o cartunesco. Em um segundo momento, há o reforço do autor para, apesar dessa opção pela formulação cartunesca, reforçar o caráter de real da história que está sendo contada, de que aquilo que preenche as páginas do livro são as memórias do seu pai, que ainda o afetam como sujeito. A partir disso, é possível discutir dois pontos: quais as memórias do Holocausto são atualizadas e deslocadas a partir de “Maus”, pensando nas formulações discursivas apresentadas pelo autor? E se há um conflito de sentido gerado pela formulação do Holocausto em uma mídia popular como os quadrinhos para representar um acontecimento histórico tão impactante, que gera debates até hoje em nossa sociedade? Para tal, serão mobilizados alguns pressupostos teórico-analíticos da análise de discurso de linha francesa, que tem como principais expoentes Michel Pêcheux e Eni Orlandi, na qual a memória é uma “questão de fundo da análise de discurso e que, por isso, é inevitável que se a considere em qualquer análise”(ORLANDI, 2013, p.13). Além disso, como complemento, serão trazidos autores que debatem a questão da memória, do testemunho e do trauma, como Robin, Mariani e Agambem, além de outros que discutem especificamente os quadrinhos como uma mídia e uma linguagem autônoma, como Eisner e Mccloud.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Histórias em quadrinhos. Análise de Discurso. Holocausto.

## “O AVANÇO DAS COTAS”:

### O QUE MUDA E O QUE FICA NO DISCURSO DE *VEJA*

Luiz Carlos de OLIVEIRA (Instituto Federal de Educação de Santa Catarina)  
[luiz.oliveira@ifsc.edu.br](mailto:luiz.oliveira@ifsc.edu.br)

**RESUMO:** Nesta comunicação, discutiremos a abordagem da imprensa a respeito da população negra, especificamente, o discurso da revista *Veja*. A abordagem da imprensa em relação aos negros produz, cotidianamente, distintos trajetos de significação; muitas vezes, ecoando efeitos de sentido que reforçam perspectivas estereotipadas, presentes desde a escravização. Portanto, a presente análise justifica-se por focar o modo como a imprensa produz efeitos de sentido a respeito da maior parcela da população brasileira. Em pesquisa anterior, conforme Oliveira (2016), quando analisamos a abordagem da revista sobre as cotas raciais (matérias de 2009 a 2011), percebemos elementos que permitiram traçar aspectos do funcionamento do discurso do periódico acerca da população negra. Levantamos um trajeto discursivo, o qual possibilitou apontar o imaginário produzido nas páginas da revista em relação ao negro. Mesmo com a predominância de um determinado trajeto, também, elencamos a heterogeneidade que constituía os efeitos de sentido produzidos nas matérias do semanário, com deslocamentos e a presença de formações discursivas que rompiam os sentidos dominantes. Levando isso em conta, buscamos, nesta comunicação, trazer novos apontamentos sobre o discurso do semanário. Temos a hipótese de que pode ter ocorrido um deslocamento no posicionamento discursivo de *Veja*, quando aborda o tema das cotas raciais. Porém, não estamos afirmando que esse deslocamento representa, necessariamente, a dominância de uma nova formação discursiva. Desta forma, elegemos para análise a matéria de capa de *Veja* (edição 2543), publicada em 2017, com a chamada de capa denominada “O avanço das cotas”. Além do *corpus* principal, outros materiais poderão ser utilizados para subsidiar a discussão. Assim, a questão principal deste trabalho é levantar quais efeitos de sentido são produzidos na elaboração discursiva da revista; também, se há e como ocorre o deslocamento discursivo que elencamos em nossa hipótese. A fundamentação teórica está no âmbito da análise de discurso francesa. Portanto, no trabalho proposto utilizaremos as contribuições teórico-metodológicas de Michel Pêcheux (2009) e Orlandi (2007); nessa linha, utilizaremos, também, as discussões de Mariani (1998) sobre a constituição discursiva da imprensa. Os apontamentos de Almeida (2018) a respeito da constituição do racismo serão importantes na apreciação da temática, especificamente, o racismo estrutural e suas consequências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imprensa. Discurso. Imaginário. Negro.

